



sêmen

ou versos entretecidos
ou um só poema

wilbett oliveira

editora
cajuína



sêmen ou versos
entretécidos
ou um só poema

wilbett oliveira



editora
cajuína

Copyright by ©
Wilbett Oliveira

Setembro de 2020

Permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização prévia, por escrito, do autor desde que citada a fonte. Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais.

[CIP]
Catalogação da publicação na fonte

O48s Oliveira, Wilbett Rodrigues de.

Sêmen ou versos entretecidos ou um só poema / Wilbett Rodrigues de Oliveira. Editora Cajuína, 2020, 74 p.
12 x 21cm. Il.

ISBN 978-65-86270-34-1

1. Poesia brasileira
I. Título II Wilbett Oliveira

CDD B869.1

Contato com o autor: wilbett@gmail.com

editora
cajuína

Estrada Velha de Sorocaba, 763 - c428
Granja Viana - 06709-320
www.cajuinaeditora.com.br
contato@editoracajuina.com.br

Para Eros, Diego Ricardo,
Semadar e Jean

[...] é não dizer, que não-dizer
é o que (dizer) venho.

[*Afonso Romano de Sant'Anna*]

PERIPÉCIAS DE UM CAMALEÃO

A limpidez da sinceridade nos engana,
como engana a superfície tranquila do eu.

[Ana Cristina Cesar]

Uma das abordagens possíveis deste livro de poesia intitulado *Sêmen ou versos entretecidos ou um só poema* é a de tentar saber em que medida ele se desenvolve realmente como um ritual ou proposta gestual, em que medida no desenvolvimento dessa “espécie de teoria” vai existindo uma arte e uma ciência poética. Ou ao contrário: onde é que esta prática poética realiza certos gestos de semear? Como semear? O que semear? Quem semeia? Onde semear? Estas e muitas outras perguntas podem ser feitas a um título paratextual e indagante como este, sem esperar respostas definitivas.

Se o primeiro poema sem título, - como todos da coletânea neste livro -, “tercer e espalhar sêmen/ sóis germens/ terçar salmos/ saís sóis/ semear colar de contas/ decantar o tempo/espíral de silêncio:/

banquetes de signos” - contém, mesmo à leitura mais empírica, a ideia de uma integração elementar, a palavra *sêmen* pode, desde logo, ser entendida como *pacto* ou *acordo*, no mesmo sentido em que se fala de semear, espalhar, germinar, e a teorização da semente estaria, assim, em certo caráter sistemático dessa proposta de *acordo* com a *leitura pactual*. Os dicionários atribuem, entretanto, a esta palavra-signo e título, escolhido por Wilbett, o sentido de *semente*, como um dos seus primeiros significados, aquele que lhe confere uma consonância, o que lhe confere a intenção poética e estética do paratexto que nomeia a obra.

Mas este primeiro olhar se desfaz, ou torna-se mais completo, na medida em que o título se desmembra em outros significantes - agora metalinguísticos - ligados pela conjunção “ou” - “ou versos entretecidos ou um só poema”. *Semên* poderia ser, a partir desses subtítulos, sinônimo de escrever, ou o próprio ato de escrever e se entrever nesse ato. A escolha significativa dos subtítulos, assim, reforça certo acolhimento mútuo e alguma intenção do pacto poético. Nesse caso, pairam semelhanças entre poesia e escrita, semente e poesia ou, ainda, leitura e ato de semear.

Além dessas aproximações, outros aspectos (ou espectros?) mais característicos da poética wilbettiana - essencial-

mente deste livro - é, aliás, a frequência de vocábulos, imagens ou contextos que se referem a processos do silêncio, do erotismo, da experiência com a linguagem ou com os signos, atrelados, de alguma forma ou de outra, aos subtítulos da obra. Funcionam como certa rede semântica e plástica que se prolonga pelo próprio ato de semear e pelo livro como um todo textual e coeso.

Mas, se acima de tudo, os poemas de Wilbett Oliveira fixam o ato de semear/escrever como harmonia primordial, eles teatralizam outros sentidos. Ou mesmo deixam parecer, também, no poema e, antes dele, nas palavras que o escrevem que a ingenuidade se perde, e desse processo desejoso surgem interrogações silenciosas, gestos inusitados, fingimentos (“fingir-se esfinge”), dissimulações, marcas que sugerem “entretecer telas e entrar nas cores/todas as cores e outras mais/ser tendas/entretecer teias/tecer amor”.

“Entretecida” aos poemas¹, está a capa do livro que funciona como paratexto visual e porta de entrada da obra em conjunto com o título. Ela traz como reprodução a tela *O Semeador* [1888], do pintor holandês e impressionista Vincent Van Gogh [1853-1890] que dedicou-se à pintura de paisagens, mas foi o interior ensolarado que lhe despertou várias reações. Ele o via pleno de movimento e êxta-

se, e não com estabilidade e permanência arquitetônicas². Deste novo e célebre pintor impressionista, Wilbett não utilizou, na escrita, a técnica do autorretrato, mas aproveitou as imagens plásticas e o mesmo movimento ondulante da mão e do pincel em suas telas.

Certamente o poeta fez do Sêmen, a semente e a semeadura do trigo, gesto preparado no vasto campo com pinceladas fortes e verticais de laranja, acompanhando pela escrita, os contrastes simultâneos entre os tons azuis e sua cor complementar, o amarelo. Da cor quente (laranja), a escrita wilbettiana busca variações poéticas que se declinam suavemente no horizonte. O movimento das pinceladas curtas, dialoga com versos, também, curtos, que acompanham variações tonais, escolha temática para o título, recorte de paisagens ou o estranho silêncio que passa as duas obras.

Nessas associações das imagens do ato de semear com a poesia, com a escrita e processo poético, está a vida (de um sujeito lírico multifacetado) como jogo de descobertas, experimentações, liberdade, “aventuras quixotescas”, atitudes filosóficas, “boca sedenta”, “olhar perdido”, sentido da vida, certo tom aforismático que disfarça o eu-lírico nessas sínteses, nesses quadros ou paisagens, nesse ato de semear a todos os ventos.

O adjetivo e significante - “entretido” - sugere, dentre muitos sentidos de tecer, a mistura ou imbricamento de poesia e vida, poesia e semente, poesia e desejo fazendo emergir a questão central da escrita poética como processo interdito, entredito. Entre a clareza e opacidade dos sentidos, estão, também, a escolha leve das construções sintáticas e jogos de significantes, a profusão de sentidos, “fissuras”, aliteraões, o desejo de mascaramento e revelação.

Dessas indagaões e buscas, dessas múltiplas leituras, surge, ainda, na poesia wilbettiana, o espaço para alguma indagaão sobre a função da poesia. Isto está presente no jogo sonoro em constantes (cor-tantes?) versos, na ausência de títulos, na falta de pontuação, na distribuição aleatória de algumas palavras, na busca à deriva de algum sentido que o leitor poderá construir.

De qualquer forma, ou de qualquer ângulo que se leia esta poesia/obra, - que também pode ser folheada, escolhida, percebida aleatoriamente, - porque podemos escolher uma página ou mesmo qualquer poema para “entrar” na obra, - o leitor acompanhará esta *persona* que esconde a máscara e o disfarce para evidenciar essas marcas do processo de escrever. Da poesia wilbettiana ficam certas sutilezas, leves traços, gestos de um sujeito lírico indagante, fragmentário, nada inocente,

perspicaz, de olhar girante e inquieto, ar-redio, transgressor, errante.

Em certo sentido, lendo ou refletindo sobre algum poema escolhido ou conjunto deles na obra, buscando alguma pista para acompanhar o trajeto da escrita wilbettiana, percebemo-nos diante de peripécias de um camaleão. Como um texto fugidio que se transforma a cada lance do olhar, a cada ângulo escolhido ou efeito de perspectiva que ele assuma.

Em *Sêmen ou versos entretecidos ou um só poema*, do poeta Wilbett Oliveira podemos ler a complexa imbricação entre arte e vida, entre reflexões e elaboração estética, entre fingimento e desejo de sinceridade, numa verdadeira mescla de diálogos migratórios, que passam de um poema a outro, de um lugar a outro, e que atravessam outros textos, intertextos, na qual agora se inclui essa nova edição da obra.

Rodrigo da Costa Araujo

Mestre em Ciência da Arte.

Doutorando em Literatura Comparada (UFF)

NOTAS

¹ Nesse jogo entre paratextos, poesia e leitor não ficam de fora as propostas do *texto* enquanto *tecido*, *tessitura*, *trança*, como concebeu o crítico francês Roland Barthes [1915-1980] no clássico livro *Le plaisir du texte*.

² JANSON, H.W. e JANSON, A. *Iniciação à história da arte*. São Paulo. Martins Fontes. 1996. p.344.

tecer e espalhar sêmen
sóis, germens

terçar salmos sais sóis
semear colar de contas

decantar o destino
espiral de silêncio:
banquetes de signos

guardar fantasias no alforje
como quixote sem sancho
sem chances
solitário cavaleiro indumentário
lancelot errante
amadis, rocinante

varrer as folhas de maio
digitar o sonho nos olhos
a senha nos dedos
na sombra, a serpente
entre os dentes tece a primavera

restar-se apenas nos rastros
de uma sombra anônima
e num solitário encontro obscuro

romper os escombros,
o ermo e o eterno de cada um
indo à deriva das coisas
que sucumbem os homens:
o fardo mesmo de existir



emergir de um gume de pedra
na travessia e no avesso
que engessa os gomos de ir
para se perder em sentidos inusitados
tensões escondidas noutras formas
de ser: repetições e diferenças

reter o mundo, dissolver fronteiras
destecer o universo
e desenraizar-se das próprias raízes:
entranhas intestinais vísceras

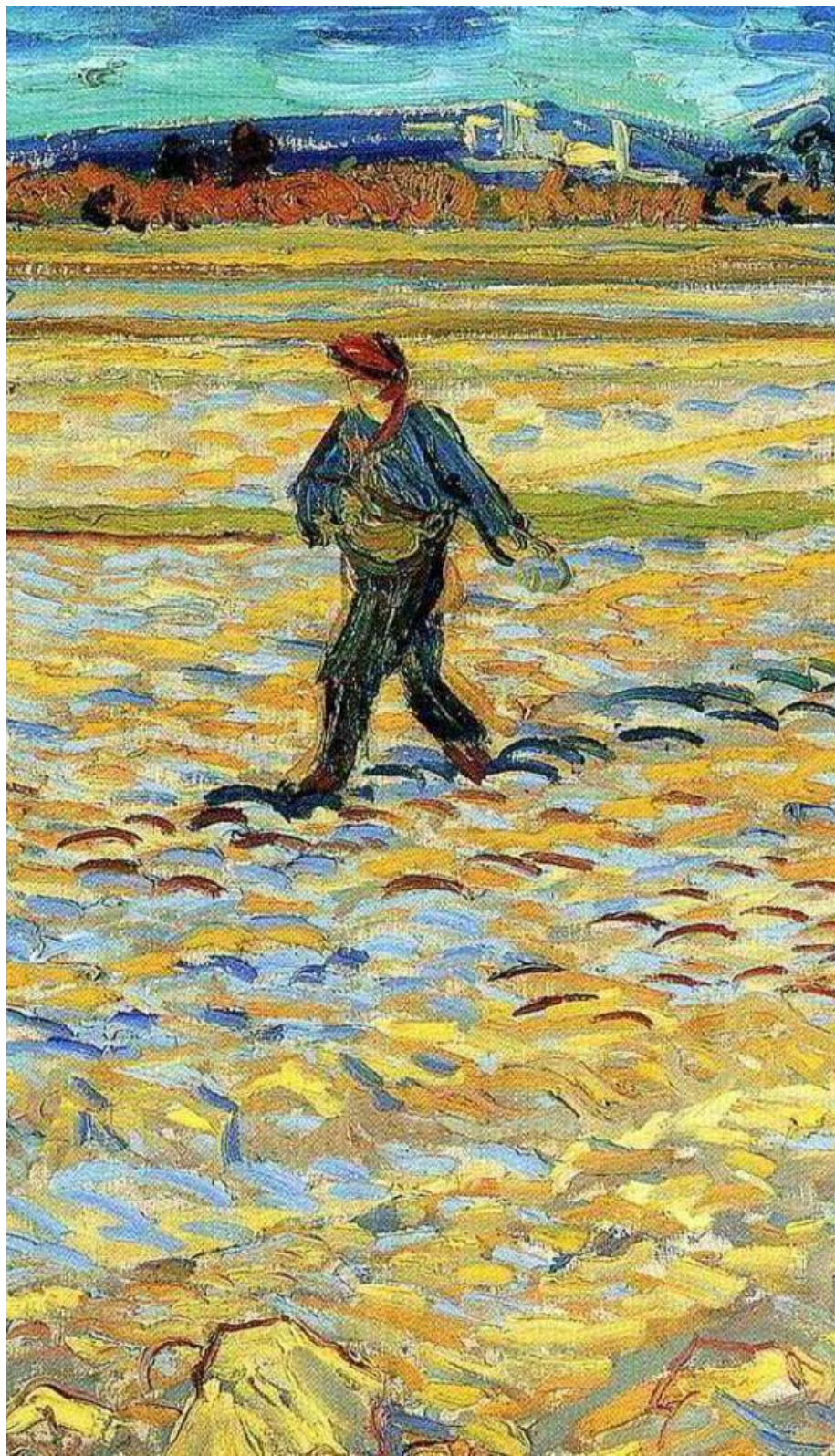
exaurir-se de escrever
implodir-se em versos
para que o canto não se reduza
a um canto ou um canto só
ou um verso entretecido
para preencher o quanto possível for
o vazio de algo que se perde
em-si-mesmo
em tudo que a mão afaga
e implora à noite faminta
que engole o lume

modificar-se nos próprios despojos
nos revezes e nas vozes
para deter o tempo entre os dedos
que em tudo se repete, se reparte
e de tudo se separa

pausar-se ante a pintura que sangra
em cores cálidas frias e humanas
fetos pregos lágrimas flores e nuvens
e autorretratos e árduas pinceladas
de imensos fios que se evolum,
se desintegram e se calam

esboçar um voo ícaro
na asa de um pássaro ávido
de um poema-tessitura de ave
para desler o que fica atrás
do pensamento
e corre ligeiro feito bicho
no calcanhar de aquiles

romper o limite da carne e do mundo
e esculpir o entalhe
o talhe no rosto
e o gosto do aço
na face do inimigo



romper o silêncio na palavra:
a palavra silêncio no silêncio
desvendar a larva do silêncio
o silêncio em si
lava incandescente palavra
quase-silêncio absoluto

navegar a vau da palavra
gema-clara manhã
que transluz-se da fissura
e pausar o silêncio
na página em branco
pontos no branco da página:
ponto de partida

escutar o silêncio do mundo:
mudo silêncio paradoxal
silêncio de plantas
incrustações e limos

lançar redes ao sol
de uma paixão feminina
e surgir de repente
na vazante do rio
feito bicho serpenteando coisas

remover as cinzas dos olhos
e chegar ao esteio da vida
a etérea procura
e desvelar a posteridade da terra
as fauces do leão

dar tudo à presença do instante-já
do ser-aí que se move em meio a mó
e guardar o que se ama
em cercas de arame farpado

recolher das farpas os despojos
ao romper da manhã
para cessar as guerras até ao fim
da terra, quebrar o arco
cortar a lança que fere e sangra

deter nas entranhas dos inimigos
suas verdadeiras maldades
romper as ataduras sepulcros abertos
e esmigalhar com uma vara de ferro
todos os males
despedaçá-los como a um vaso de oleiro

sentir algo no ar,
algas no rio: narciso
lago, água rasa, largo rio

inexplicar os muros enigmáticos
acumulados murmúrios
rumores de barro

ir à procissão por um tição de fé
atiçar o perfume de todas as flores
para sanar a opressão



ensaiar a noite e procriar lumes
vagas luzes para umedecer a manhã

rasgar o ventre da cidade
e parir meninos famintos de amor

esvoaçar o pó dos dias
com o toque nos dedos do criador

alçar voos até se tornar pássaro
quebrar a mó, mover-se para o ermo:
recôndito das cousas,
esconderijo de plantas

volver-se para dentro,
para o ventre: fuga intestinal

acolher-se em si mesmo
(ver-se por dentro)
ser o próprio ventre

apossar-se do é das coisas
escapular das sombras
reger a ave-maria ao som dos pássaros
ao passo ao sabor
do que é doce

e saber a incoerências das pedras
ser antes de ser (dessa)
ser nada, ser nunca
ou, antes disso, quase não-ser
quase nada, quase nunca

esculpir o incomensurável
nos muros da cidade
e reter o silêncio frio
que dilacera as manhãs

entretecer telas e entrar nas cores
todas as cores e outras mais
e reter o lume da luz
o gume das estrelas
para descobrir a estranheza da vida

entretecer teias
tecer amor para desacorrentar-se
daquilo que não se é
o que prende e mata

esparramar sentimentos
num chão de giz
ser qualquer coisa de intermédio
para aliviar o aporte ponte do tédio
que entra lentamente nos poros
na epiderme

gozar a viscosidade do limo
desler a legenda do tempo
e se inscrever na história
andar no fio da navalha,
e gerar o sêmen do homem perfeito

entender a semântica do insignificante
lambuzar-se no açude de mel
e acordar ligeiro

tocar os dedos divinos
e reinventar a criação

lançar-se em uma aventura quixotesca
redescobrir moinhos
e inventar contra a mola que resiste

estimular o zunido das abelhas
a liturgia dissonante dos insetos



sentir a sutileza da espuma
na epiderme,
fazer o tempo ao misturar palavras
e perseguir o que fica
atrás do pensamento
sugar o seio da impossibilidade

comer o pão que o diabo amassou
e triturar os ossos dos ofícios
de todos os homens

construir castelos suntuosos
nos sonhos
e resgatar gotas de orvalho
com a pureza do olhar

ultrapassar a ruptura que as pessoas
desesperadamente procuram

inventar a metafísica do silêncio
a articulação dos passos
a maciez do olhar
e encher-se de um silêncio pleno
lá fora

olhar a profundidade dos rios
com olhos de peixe
garimpar sóis
descobrir o manto da noite
e sentir o cansaço dos rios
a correr pedras íngremes

ser o arremedo de tudo
desenhar veias púrpuras
sob os olhos de todos os homens
para bordar uma realidade
de cinzas e palavras

selar os males de todos os seres
para desfazer os nós:
signos na pele
perdas de todas as eras
êxtases de um só dia

ser o detalhe ou o atalho
para o eterno ou mesmo o norte,
o ermo o erro a outra margem



descobrir a trilha para o eterno devir
e ir e vir pela estrada úmida
ainda que seja minguado o caminho

disfarçar o encanto
dizer – não dizer nada
levar a vida como aranha
tecendo fios em cusparada
na captura do indefeso inseto

comer a carne malpassada
a salmoura da vida
escarrar a mora

moer com os dentes afiados
os dias que os deuses fatiam

íris desferir o açoite
no que assombra os olhos

enlear-se na teia que enreda o amor
sentir-se mesmo sem pontos
sem vírgulas
para esquecer-se dos deuses
dos homens e muros
e arrimos e rumos

deter a palavra
no gesto obsceno
de todos os homens

desler a palavra
no silêncio profundo
de todos os homens
em toda boca sedenta
todo olhar perdido

conter a palavra
na confissão sigilosa
de todos de os homens
em toda sua submissão

rasgar a palavra
no evangelho torto
de todos os homens
em todo credo
canto efêmero liame
linha luz
em todo cálice

tecer a margem do rio
ser a terceira margem
até ser mar: gene do rio
até amar-se: zen do rio
e lançar-se na água:
sêmen do rio

dar-se a tudo e a todos
quantos queiram ao mundo se dar

desertar-se no próprio corpo
porto e pântano
tapete pra se deitar

ser liame
consistir-se em instantes
consumir-se em nomes e numes
em números em nomos
em númenos em nomes

tecer a terra
e larvar o poema

fingir-se esfinge num silêncio profundo
simulacro de coisas
que valem quanto pesam
sentir a prenhez do vazio
e preencher-se de algo
o que esvazia e mata

pôr-se sob o sol nos homens
e suportar o castigo dos deuses

palmilhar na casa aberta
o silêncio de paredes
e desgrafitar uma palavra
na poesia que vadia rua afora

fluorescer-se de íris
no brilho de cada olhar
e pausar o tempo
que escorre nas varandas

semear palavras-giz
para germinar etéreos frutos
para as vértebras do tempo
não dilacerar o amor

entrar os poros, lento
e penetrar o corpo
do que se goza por dentro
como rio desaguando coisas

esparramar sóis benditos
por uma madrugada cinzenta
à espera de vaga-lumes divinos

perceber que o mundo é muito vasto
pra ter sentido de uma janela

decepar o que nos amarra
amarga garra rara
argos e arcos que nos separam
sépalas sem frutos

dar ao povo mais que pão e circo
divindades de pedra
impérios negros reis minos
mitos deuses espinhos
maus espíritos minas
touros heras e hidras e ouro

vigiar em silêncio
pois é chegado o tempo
tempus edax rerum
de depositar a fé na sementeação
resíduos sinais raízes
de um tempo possível

salvar da América o que não envenena
Iracema arará piracema
açucena açude ema

emergir-se de um deserto viscoso
cingir-se contra os muros
numa alvorada de passados
fixar as cousas as cores e os tempos
estabelecer ritos de passagens
e portos contra a desordem cheia
de sangue e pérolas



desvendar a pedra cor a pele cósmica
desejos de plânctons líricos rútilos

amanhecer em silêncio
balcedos sagrando rios
cingir muros de pássaros
esquinas vermelhas
tarde ácida maçã pele áfrica malsã

seguir formigas nas linhas do sol
em sua inexcedível labuta
compadecer-se com os aflitos
sob calor do sol que mata os homens
todos os dias

desnudar a cor púrpura
a áspera luz
a insustentável nudez de ser
artifícios do corpo nu corpo

exaltar o que dimana das cores
o que emana das flores
o que irmana nas dores

encontrar a bruma
bramido nirvana anima
e amido de toda alma

buscar a esperança
de onde não se desespera
o último homem
no delírio da febre
no último instante
irmanar-se nas cousas fugidias
devassar a profundidade
desmoronar-se,
desconstruir-se
dessedimentar-se
descomensurar-se
porque tem sangue eterno a poesia

desfazer-se das palavras mal ditas
do mundo muito pesado
romper as soleiras
nos coágulos da manhã
na indevassável amplidão
de pensamentos
para contemplar a luz cromática
que se dissolve pelas ruas
e escurece os homens

enfiar-se nos interstícios ávidos
do poema
e sucumbir-se ao destino-poeta
que não paira sobre os ombros

ÍNDICE DA ILUSTRAÇÕES:

Capa:

O semeador

[Van Gogh]

Página 2:

Plantadores de batata

[Jean-François Millet]. Detalhe

Página 3:

Fin du travail

[Jules Breton]. Detalhe

Página 17:

O semeador (depois do painço)

[Vincent van Gogh, 1889, óleo sobre tela]

Página 23:

Semeador em Arles

[Vincent van Gogh, 1888]

Página 30

Homem com uma enxada

[Jean-François Millet, 1860-1862]. Detalhe

Página 39:

As respigadeiras (ou As respingadeiras)

[Jean-François Millet, 1857]. Detalhe

Página 46

La matin

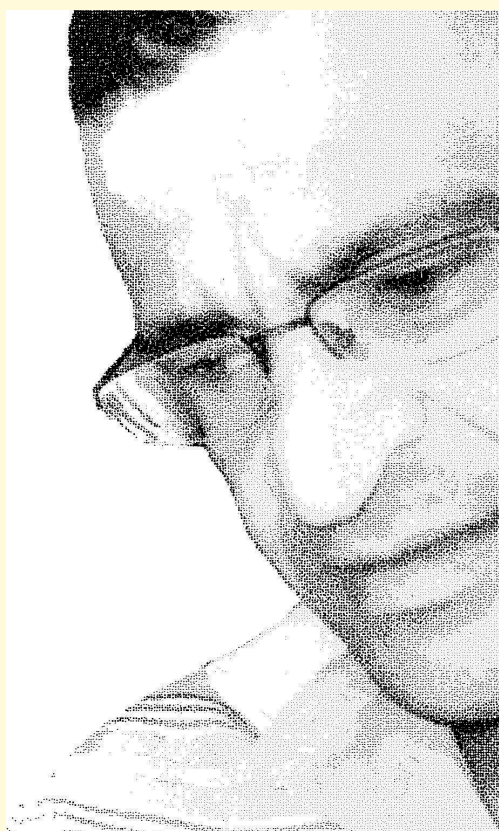
[Jules Breton, 1888]. Detalhe

Página 65

Descanso ao meio-dia

[Jean-François Mille, 1866]

sobre o autor



Willetb Oliveira nasceu em Umburatiba (MG). É graduado em Letras (UFES), pós-graduado em Literatura Brasileira (UNIVERSO, RJ) e membro do Conselho Editorial da *Revista Mosaicum* (NUPPE/FASB). Publicou os seguintes livros: *Nominal* (2003), *Garimpo e Outros Poemas* (2006), *Sêmen* (2007), *Gris* (2009), *Salignalinguagem* (2011), *Salmodiar* (2012), *Minúsculos* (2013), *Escombros* (2014), *Silêncios e escombros* (Antologia poética, 2015).
E-mail: willetb@gmail.com

editora
cajuína

www.cajuinaeditora.com.br